

Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Culturas e história dos povos indígenas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertencem a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absolutos, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6682016091

CAPÍTULO 2..... 13

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

DOI 10.22533/at.ed.6682016092

CAPÍTULO 3..... 23

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

DOI 10.22533/at.ed.6682016093

CAPÍTULO 4 37

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

DOI 10.22533/at.ed.6682016094

CAPÍTULO 5..... 51

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6682016095

CAPÍTULO 6..... 63

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

DOI 10.22533/at.ed.6682016096

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 7 | 77 |
| CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO | |
| Karen Francis Maia | |
| Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto | |
| DOI 10.22533/at.ed.6682016097 | |
| CAPÍTULO 8 | 88 |
| DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS | |
| Aida Brandão Leal | |
| Rafaela Werneck Arenari | |
| Janaína Mariano César | |
| DOI 10.22533/at.ed.6682016098 | |
| CAPÍTULO 9 | 97 |
| TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE | |
| Regina Cláudia Moraes de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.6682016099 | |
| CAPÍTULO 10 | 107 |
| AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA | |
| Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza | |
| Carolina Fernandes da Silva Mandaji | |
| DOI 10.22533/at.ed.66820160910 | |
| CAPÍTULO 11 | 119 |
| ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA” | |
| Dilma Costa Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.66820160911 | |
| CAPÍTULO 12 | 132 |
| MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE | |
| Alberto Reani | |
| Josélia Ramos da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.66820160912 | |
| CAPÍTULO 13 | 146 |
| O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR | |
| Carolinne Melo dos Santos | |
| Anna Erika Ferreira Lima | |
| Ana Cristina da Silva Moraes | |

Mateus de Castro Ferreira
DOI 10.22533/at.ed.66820160913

CAPÍTULO 14..... 160

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta
Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

CAPÍTULO 15..... 175

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

CAPÍTULO 16..... 187

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

CAPÍTULO 17..... 202

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita
Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

CAPÍTULO 18..... 218

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

CAPÍTULO 19..... 229

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

CAPÍTULO 20..... 238

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos
Nancy Zarate Castillo

DOI 10.22533/at.ed.66820160920

CAPÍTULO 21.....248

A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO’ NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII

Antonio Martins Ramos

DOI 10.22533/at.ed.66820160921

CAPÍTULO 22.....258

INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA

Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco

Divane de Vargas

DOI 10.22533/at.ed.66820160922

CAPÍTULO 23.....271

PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK

Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro

DOI 10.22533/at.ed.66820160923

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283

ÍNDICE REMISSIVO.....284

Data de aceite: 01/09/2020

Gloria Patricia Ledesma Ríos

Maestra en Psicología Social. PTC Universidad Autónoma de Chiapas. Línea de investigación: Subjetividad e interacción social.

Nancy Zarate Castillo

Doctora en Ciencias Sociales y Humanidades. PTC Universidad Autónoma de Chiapas. Línea de investigación: Subjetividad e interacción social.

RESUMEN: Interpretar los murales de las comunidades autónomas zapatistas dan la oportunidad de explicar las significaciones y representaciones comunicativa a partir de hacer la inferencia con el método análisis de contenido cualitativo, donde se alcanzaron con base a diez de las cincuenta fotografías capturados para lograr el resultado de la investigación para responder al objetivo del estudio y entender la construcción de tesis política de los zapatistas en sus murales. Este análisis se realizó durante tres meses con la aplicación de las técnicas y herramientas del método hasta llegar al desenlace de la reflexión encontrándose en el hallazgo tres conceptos primordiales de análisis de los murales: ciudadanía, tesis política y territorio. Al examinar los tres conceptos centrales se concluye que los murales comunican una vida colectiva que se desarrolla a través de las competencia ciudadana comunitaria en sus territorios para lograr una vida donde exista el

bien común entre los sujetos que la conforman para que a través de la implementación de formas de organización y planeación resuelvan sus conflictos derivados de la multiculturalidad existente al converger diversos grupos indígenas con diferentes lenguas y no originarios para responder a las acciones contra la discriminación y la exclusión.

PALABRAS CLAVES: Ciudadanía, murales, política y territorio

TERRITÓRIO ZAPATISTA E POLÍTICA CIDADÃ

RESUMO: A interpretação dos murais das comunidades autônomas zapatistas dá a oportunidade de explicar os significados e as representações comunicativas da inferência com o método qualitativo de análise de conteúdo, onde foram alcançados com base em dez das cinquenta fotografias capturadas para alcançar o resultado da Pesquisa para responder ao objetivo do estudo e entender a construção da tese política dos zapatistas em seus murais. Essa análise foi realizada por três meses, com a aplicação das técnicas e ferramentas do método até o resultado da reflexão, encontrando na constatação de três principais conceitos de análise dos murais: Cidadania, tese política e território. Ao examinar os três conceitos centrais, conclui-se que os murais comunicam uma vida coletiva que é desenvolvida por meio da competência cidadã comunitária em seus territórios para alcançar uma vida em que há um bem comum entre os sujeitos que o compõem para que, através da implementação As formas de organização e planejamento resolvem seus

conflitos derivados do multiculturalismo existente, convergindo diversos grupos indígenas com diferentes idiomas e não originando-se para responder a ações contra discriminação e exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Cidadania, murais, política e território

ZAPATISTA TERRITORY AND CITIZEN POLICY

ABSTRACT: Interpreting the murals of the Zapatista autonomous communities give the opportunity to explain the meanings and communicative representations from making the inference with the qualitative content analysis method, where they were reached based on ten of the fifty photographs captured to achieve the result of the research to answer the objective of the study and understand the construction of the Zapatistas' political thesis in their murals. This analysis was carried out for three months with the application of the techniques and tools of the method until reaching the outcome of the reflection, finding in the finding three main concepts of analysis of the murals: Citizenship, political thesis and territory. When examining the three central concepts, it is concluded that the murals communicate a collective life that is developed through the community citizen competence in their territories to achieve a life where there is a good common among the subjects that make it up so that through implementation of forms of organization and planning resolve their conflicts derived from the existing multiculturalism by converging diverse indigenous groups with different languages and not originating to respond to actions against discrimination and exclusion.

KEY WORDS: Citizenship, murals, politics, and territory

INTRODUCCIÓN

Al recorrer los municipios autónomos del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, ubicado en el Estado de Chiapas, México, se encuentran los murales que se sitúan en las paredes de las viviendas que permite interpretar el simbolismo de la lucha social iniciada hace un cuarto de siglo.

El mural, historia de la humanidad, dibuja desde la prehistoria con las pinturas rupestres el devenir de la vida de los ancestros hasta convertirse en un referente de captura de la vida de los indígenas de México antes, durante y después de la Conquista; sirvió de expresión de la Independencia y la Revolución mexicana, se convirtió en un movimiento artístico en México en el siglo XX. En los murales se expresaron los diversos momentos del México, antiguo, moderno y su actualidad, se volvió un ejemplo para el expresionismo en muchas partes del mundo.

El movimiento zapatista retoma este recurso para expresar diversos momentos de la lucha como puntualiza Calderón, que el muralismo fue “un movimiento que en su producción pretendió integrar lo nacional con lo cultural y lo universal, cuyo propio acto potencia su capacidad de resignificación crítica y permanente” (1991 p. 148)

La iconografía muestra el pensamiento social, cultural, histórico, político, enseña a través de utilizar los colores primarios y secundarios, los diferentes momentos vividos, poco

más del cuarto de siglo. La riqueza de las pinturas versa en la secuencia del ideal de vida del movimiento zapatista para lograr desde la demarcación de su territorio la tesis política para la construcción de una ciudadanía.

Los murales tienen un mensaje político como dice Vivero que hace un “llamado a la acción, a la movilización social, a la toma de conciencia” (2012 p. 82) por tal motivo, el haber seleccionado la iconografía es una muestra de esa trayectoria para lograr construir la tesis política para beneficio de la colectividad.

Las pinturas son admiradas en los municipios autónomos, pero también se encuentran en la plataforma digital del Ejército Zapatista de Liberación Nacional, convirtiéndose en tema de análisis, interpretaciones y reflexiones.

METODOLOGÍA

Para encontrar las categorías de estudios de la investigación de los murales zapatistas se empleó el método análisis de contenido cuantitativo porque Flory Fernández señala que tiene:

el propósito básico del análisis de determinados elementos componentes de los documentos escritos, letras, sílabas, lexemas, fonemas, sintagmas, palabras, frases, párrafos, títulos, caracteres, reactivos secciones, temas, asuntos, medidas de espacio, medidas de tiempo, símbolos, etc. y su clasificación bajo la forma de variables y categorías para la explicación de fenómenos sociales bajo investigación (2002 p. 37).

En esta pesquisa se identificó a los murales que se plasmaron en las comunidades autónomas zapatistas, tomando aleatoriamente la muestra para obtener las categorías de análisis, codificarlas y obtener los resultados. Se tomaron de muestra 50 murales de los cuales se estudiaron 10 por ser pertinentes y homogéneas para lograr el resultado de la investigación.

Al trabajar la unidad de análisis y contextual son: primero los murales y segundo el lugar donde se ubica, la cultura, el movimiento social y la ideología, sujetos, medio ambiente. Al final se llega a la codificación donde se encuentran los elementos recurrentes para que al obtenerlos se pase a la cuantificación de los registros, por rango e identificar los conceptos para interpretarlos y obtener el resultado de la pesquisa.

Por lo tanto, reafirma Andréu que el análisis de contenido es: “una técnica de interpretación de datos, ya sean escritos, grabados, pintados, filmados, u otra forma diferente donde puedan existir toda clase de registros de datos, transcripción de entrevistas, discursos, protocolos de observación, documentos, videos” (2018 p.2) se refuerza el corpus teórico-metodológico que se aplica en la investigación, porque los murales comunican a los sujetos diversos símbolos que permite interpretar y dar sentido a través de la vista.

Para hacer el análisis sistemático de los murales se tomaron fotografías y se consultó

la página oficial del EZLN para hacer la lectura visual y/o textual como señala Andréu para observar, producir, interpretar o analizar los datos, y actuar sobre los actos comunicativos de las pinturas por la polisemia de los mensajes a partir de lo latente o manifiesto para interpretar en forma directa o con la inferencia para explicar los mensajes comunicativos.

La inferencia que para Krippendorff en Andréu son variables, depende de la producción de datos que origine la investigación la cual hemos enfocado la comunicación porque afirma que son los: “intercambios de opinión y de información no tienen un acceso directo, pero se pueden inferir, a través de citas, alusiones, supuestos y actitudes que aparecen en el texto analizado” (2018 p.20) por lo cual ese engranaje teórico-metodológico lo proporciona para lograr el objetivo de conocer la tesis política que cimentan los zapatistas a través de los murales.

Al concluir la aplicación del método análisis de contenido desarrollado durante tres meses con la recurrencia de las técnicas y la selección de las fotografías de los murales para dar paso a encontrar las cualidades para la interpretación se encontraron tres categorías de análisis: ciudadanía, tesis política y territorio.

Para explicar el análisis de los murales se presentan tres como ilustración para desarrollar la interpretación tanto denotativa como connotativa, situados en el Caracol Oventic que colinda con el municipio de Larrainzar de la zona de Los Altos a 40 kilómetros de San Cristóbal de las Casas, Chiapas.

RESULTADOS

Territorialidad en los murales, los murales en el territorio

En medio siglo de existencia, el movimiento zapatista pone énfasis en el reconocimiento del espacio geopolítico que les pertenece dentro de la geografía chiapaneca porque como dice Weichhart en Thomas, los “territorios son manifestaciones espaciales de sistemas de significación compartidos (1990 p. 30), para que su lucha no solamente se quede en una expresión de rebeldía sino en una construcción de significados donde puedan cimentar competencias ciudadanas en la creación de normas, leyes y derechos que los rijan para una convivencia comunitaria en beneficio de todos los sujetos que la conforman.

Aunque es subjetivo el territorio porque los sujetos se mueven de un espacio a otro, una de las tareas particulares de este movimiento es comunicar la existencia de las comunidades autónomas en diversas zonas económicas del Estado de Chiapas, México, para construir la tesis política e impulsar una nueva forma de convivencia colectiva donde erijan normas y leyes que responda al bien común, encontrarse en ese espacio físico-territorial tiene la característica de impulsar el respeto por la libertad de ideas, la interculturalidad, libertad religiosa, espacios de discusión en beneficio del grupo.

Los murales permiten conocer la importancia del territorio para los oriundos como

enfatisa Jordán:

Las colectividades (como los grupos étnicos, sub-culturas, naciones, movimientos políticos) también tienen una identidad constitucional y subjetiva. Una parte importante de la identidad constitucional de una colectividad es el sistema compartido de símbolos y significados que hace posible la comunicación (lenguaje, metáforas, gestos, signos, etc.). Otros elementos de la identidad colectiva constitucional menos visibles, pero igualmente importantes son los patrones compartidos conductuales y de reacciones emocionales, normas, valores y estilos de comunicación (1996 p. 36)

El territorio zapatista como división geográfica va de la mano con el espacio porque en momentos se convierte público y/o privado; el primero porque pueden socializar con los visitantes o invitados para que conozcan la construcción simbólica de su movimiento que como primera acción fue trabajar con la educación para después convertirla con un aprendizaje autónomo donde ellos crearan sus propios planes y/o programas de estudio para delinear el tipo de colectividad que están formando y consolidando. A partir de ahí, el espacio se abre para mostrar las diversas estrategias de organización y planeación. Después el espacio también es privado porque únicamente intercambian significaciones psicológicas, cognitivas, simbólicas, los miembros del grupo para delinear las formas de convivencia social, política y económica que como dice Rodríguez:

El espacio, como el tiempo, no es una realidad absoluta, real y objetiva, es una representación, son las construcciones mentales de los individuos basadas en las representaciones naturales que nos hacemos de la realidad. Así que más que de espacio como entidad absoluta debemos hablar de representaciones en el espacio. (p3)

El mural que ocupa el espacio público en las comunidades autónomas zapatistas representan el aquí y ahora de los oriundos quienes están en esa construcción de una nueva representación política, social, económica pero sin olvidar sus orígenes por ser una de las primeras luchas en 1994 el respeto a la autonomía de los pueblos indígenas a partir de elegir sus propias autoridades sin la participación del Gobierno mexicano para preservar y rescatar: territorio, autonomía, lenguas maternas, usos y costumbres y espacios de reconocimiento como un nuevo grupo social.

La riqueza de los murales permite observar dos momentos: primero, las pinturas situadas en los muros de los territorios autónomos y segundo que la iconografía representa también el territorio simbólico de demarcación donde comparten usos y costumbres para impulsar la preservación de las lenguas indígenas, pero también salvaguardar el linaje de las etnias que conforman este movimiento.

Este primer mural, Muestra la edificación donde se observan varias secuencias pintadas. Se vislumbran personajes nacionales e internacionales, hombres, mujeres, niños, naturaleza, colorido, etcétera. El mural es un medio de comunicación que expresa contenidos de cualidad política, cultural, educativa. Enmarcan los diversos personajes

históricos con varios rasgos para entrever el tipo de tesis política construida en medio siglo de existencia y que definen para su cotidianidad.

El conflicto territorial que viven los indígenas latinoamericanos no es ajeno a la lucha de los mexicanos, pero particularmente de los zapatistas, es un derecho no reconocido, negado, restringido o con características de control de los sistemas políticos para evitar la libre determinación de los pueblos, sin embargo este grupo luchó, lucha y continuará en la disputa para que reconozcan la pertenencia del espacio geográfico en la que se ubican y que los han acorralado por el atropello sufrido por el sistema, porque el territorio es parte fundamental de su pertenencia como lo definen Hudson y Smith “un territorio como un área que un individuo o grupo ocupa de modo más o menos exclusivo mediante repulsión a través de defensa abierta o de alguna forma de comunicación” (1978 p.81)



Foto 1: Ideología. Por: Gloria Patricia Ledesma Ríos

El territorio es parte fundamental de identificación para los oriundos porque están ligados simbólicamente al medio ambiente como lo afirma la Corte Interamericana de Derechos Humanos, “la estrecha relación que los indígenas mantienen con la tierra debe de ser reconocida y comprendida como la base fundamental de sus culturas, su vida espiritual, su integridad y su supervivencia económica” (CIDH, 2009).

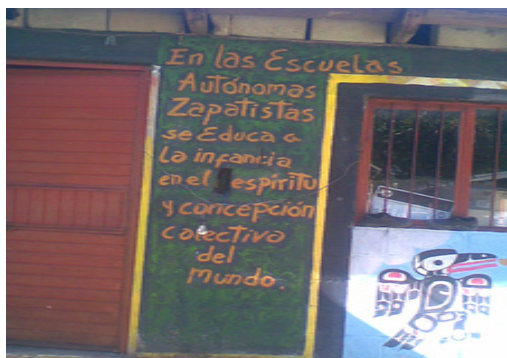


Foto 2: Camino a la autonomía. Por: Gloria Patricia Ledesma Ríos



Foto 3: Al rescate de lo colectivo. Por: Gloria Patricia Ledesma Ríos

Este segundo mural representa la tesis política de los oriundos primero con su lema “somos la tierra creciendo la autonomía” donde referencian esa conjunción con el medio ambiente donde impulsan ese respeto por la tierra por la conectividad espiritual naturaleza-sujeto y a través de la autonomía enseña a sus generaciones el respeto a ese espacio que les permitirá vincularse con los modos de producción, más allá de la simple explotación, crecer como sujetos autónomos para tener derecho a la vida, libertad de pensamiento, a la libertad de convivencia, derecho al ocio como parte del desarrollo del ser humano, a la libre autodeterminación de los pueblos y ejercer sus derechos culturales.

La última década se ha recrudecido la lucha por la posesión de la tierra en las regiones donde se ubican las comunidades autónomas zapatistas, por parte de grupos antagónicos, el resguardo de las tierras de los oriundos crece, atrincherados en esos espacios para seguir desarrollando sus competencias políticas, sociales donde pretenden de adentro hacia afuera una justicia sin distinciones con normas y leyes aplicables al bien común para contrarrestar la violencia y la ilegalidad que se vive en el mundo actual.

Esa mirada oculta con sigilo en las montañas zapatistas, protegen sus comunidades mientras continúan con sus estrategias para obtener la autonomía interna y externa para responder a sus demandas denunciadas en la primera declaración de la Selva Lacandona de: “trabajo, tierra, techo, alimentación, salud, educación, independencia, libertad, democracia, justicia y paz” (1994 p. 2)

Este tercer mural confirma la tesis principal del movimiento al leer “En las Escuelas Autónomas Zapatistas se educa a la infancia en el espíritu y concepción colectiva del mundo”. Para los oriundos es de gran importancia tomar en cuenta el papel que juegan como educación autónoma, de ella emanarán la tesis política asistémica para realizar sus relaciones jerárquicas de poder para implementar en la cotidianidad.

Con la educación autónoma los niños y jóvenes comprenderán desde los primeros años la lucha emprendida por haber nacido durante el conflicto pero que aprenderán no solo procesos cognitivos, sino que desarrollarán competencias ciudadanas acorde a este nuevo orden que impulsan.

PRE-CIERRE

La riqueza de los murales en el territorio zapatista permite cerrar el análisis con base en delinear una estrategia política a partir de la educación autónoma donde impulsan el proceso cognitivo de los jóvenes pero también de comprender la subjetividad que viven al formar parte de un Gobierno establecido constitucionalmente pero que ha violentado sus usos y costumbres y que nacieron de una lucha para construir una vida colectiva para beneficio de todos sin importar que los territorios logrados durante estos más de 25 años con la conformación de las comunidades autónomas estén cercadas no solamente por miembros del Estado sino también por grupos antagónicos.

Los primeros murales encontrados en territorio zapatistas se observaba la tesis política coincidente con el pensamiento marxista, por la lucha social establecida en pro de la clase trabajadora, particularmente de los campesinos e indígenas por la marginalidad que han vivido en estos más de 500 años de opresión y que los llevo a revelarse contra el Gobierno mexicano al impulsar el neoliberalismo donde se impulsa el consumo en todas sus áreas, reafirmandose con las pinturas de pensadores emblemáticos y simpatizantes de Marx.

La representación social de los simpatizantes del marxismo está latente en diversos murales como referentes de la lucha obrerista, campesina contra la opresión de los gobiernos dictatoriales hasta llegar a héroes mexicanos impulsores de la tenencia de la tierra, de batallar por la injusticia, desigualdad, sin embargo, fue cambiando el sentir encontrando establecer una tesis política acorde al tipo de vida que pretenden impulsar.

Esta tesis política que se encontró como categoría de análisis en los murales zapatistas, como autoras la definimos como:

La construcción subjetiva de una forma de vida en colectividad con normas de convivencia en libertad y solidaridad, con el fin de consolidar una interacción social que tiene como premisa preservar usos, costumbre, la lengua y el linaje.

Dentro de esa tesis política podemos agregarle la categoría de territorio porque una lectura en la iconografía es establecer claramente el territorio como espacio geográfico, pero también como creador de simbolismos a partir de construir como nos manifiesta la tercera categoría una ciudadanía zapatista, como autoras de esta investigación consideramos que: *El movimiento zapatista desde los murales confecciona una ciudadanía con derechos, obligaciones que antepone el bien común internamente e incluye a los otros con respeto a la diferencia para lograr una identidad comunitaria, participativa, inclusiva, de igualdad, con respeto a los derechos humanos e impulsar el cuidado del territorio para preservar el medio ambiente.*

Concluimos que en los murales zapatistas se percibe el imaginario de una política comunitaria con la demarcación del territorio autónomo para buscar el reconocimiento como grupo fuera de los cánones establecidos por el Estado Mexicano sin menoscabo de

un no reconocimiento a la pertenencia de este, pero que trabaja en su territorio tanto en lo público como en lo privado para consolidar una ciudadanía comunitaria para preservar una herencia cultural colectiva.

CONCLUSIONES

Los murales zapatistas pueden ser interpretados de diferentes maneras, por ser ricos en simbología, signos, formas, fondo y colores que permite estudiarlos desde diversas miradas metodológicas para comprender si refleja diversos momentos históricos desde que surgió a la luz pública el Ejército Zapatista de Liberación Nacional y que al dejar la lucha frontal con el Gobierno mexicano e iniciar la construcción, organización de su vida interna, medio siglo después de una interminable planeación, reorganización, para construir, consolidar, reconsiderar la tesis política que trabajan dentro de sus comunidades autónomas donde siguen con la reciprocidad de saberes con los otros para integrar a los sujetos de derecho que coincidan con su pensamiento asistémico donde intercambien no solamente ideas sino también emociones y sentimientos para rescatar la interacción, empatía para construir un futuro común.

Establecer una red de relaciones es parte esencial en el encuentro mental de los zapatistas y no zapatistas para lograr conectar la idea de romper con los esquemas establecidos y que la lucha frontal que se tiene en el territorio nacional se lleve a muchas partes del mundo para romper con la hegemonía, el neoliberalismo y todas las acciones que vayan en contra de los derechos humanos universales.

REFERENCIAS

ANDRÈU, J. (2018) **Las técnicas de Análisis de Contenido: una revisión actualizada**. Disponible: <http://mastor.cl/blog/wp-content/uploads/2018/02/Andreu.-analisis-de-contenido.-34-pags-pdf.pdf>

CALDERON, F. **Memoria de un olvido. El muralismo boliviano, Nueva sociedad**, Bolivia, No. 116, páginas. 146-152, diciembre 1991

Comisión Económica para América Latina (CEPAL), a través del Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE) (noviembre de 2014) • Original: español © Naciones Unidas • Impreso en Santiago, Chile. Disponible en: <https://repositorio.cepal.org/>

Fernández F. (2002) **El análisis de contenido como ayuda metodológica para la investigación**. Disponible en: <https://www.revistacienciasociales.ucr.ac.cr/>

Originalmente publicado como **Human territoriality: an ecological reassessment** en *AMERICAN ANTHROPOLOGIST*, volumen 80, n° 1 (marzo de 1978), páginas 21-41. Traducido por Luis Abel Orquera. © 1978 American Anthropological Association. Publicado con permiso de la University of California Press y de los autores.

Primera Declaración de la Selva lacandona (1994) Disponible en: <https://enlacezapatista.ezln.org.mx/>
Rodríguez Valbuena Danilo. Territorio y territorialidad. **Nueva categoría de análisis y desarrollo didáctico de la Geografía**. Uni-pluri/versidad Vol.10 No.3, 2010. Universidad de Antioquia. Medellín. Col. Versión Digital. <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/unip/issue/current>

Thomas J (1996) **La Psicología de la Territorialidad en los Conflictos** Disponible en: <https://www.uv.es/>

Vivero, L. (julio-diciembre 2012). **Murales y graffiti: expresiones simbólicas de la lucha de clase**. *Ánfora*, 19 (33), 71-87 Universidad Autónoma de Manizales. ISSN 0121-6538

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

I

Indígenas Karipuna 258

L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

O

Oralidades 119

P

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34


R

Resistências 90, 132, 144, 271



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020